

## APRESENTAÇÃO AO COLÉGIO

**Carlo e Maria Carla Volpini**

2ª feira 21 Julho 2008

Nós tivemos coragem, sim, devemos reconhecê-lo, tivemos coragem por querer enfrentar um tema tão particular e difícil como é o da profecia.

Talvez que pelo facto de repetirmos muitas vezes que o Padre Caffarel foi um profeta do nosso tempo, e que o nosso movimento é um Movimento profético, faz com esta palavra nos pareça familiar, mas talvez seja também necessário aprofundar mais esta noção para compreender plenamente o valor desta palavra, compreender como a Samaritana reconhece em Jesus um Profeta, e melhor conhecer os profetas do passado e do nosso tempo, e compreender que um espírito profético está sempre presente em cada tempo porque cada tempo é o tempo do Espírito.

Eis pois a nossa opção de viver este Colégio sob o tema da profecia começando com uma reflexão do Padre Ângelo, esta manhã, sobre o significado profundo desta palavra. Nós desejamos construir estes dias deixando-nos guiar pelo espírito dos profetas antigos e novos e cada manhã durante o tempo de oração, ser-vos-ão apresentadas pelos Casais Responsáveis de Zona personalidades de profetas bíblicos e de profetas do nosso tempo. Teremos também a alegria de vos apresentar, e por isso lhes estamos gratos, a síntese elaborada pela Tó e pelo Zé para os trabalhos do Congresso de Massabiél, onde os antigos responsáveis reflectiram sobre a memória e sobre o sentido profético do nosso Movimento. Tentaremos reflectir para saber se nos nossos países, ou em alguma parte do mundo, há sinais proféticos de vida que possam ser profecia para a humanidade, sinais da presença do Espírito de Deus com testemunhos que pedimos aos casais de França, Estados Unidos Austrália e Portugal. Teremos a graça de poder perceber se a nossa história conjugal pode ser um lugar de acolhimento do Espírito de Deus, e se o nosso casal pode tornar-se lugar de profecia no quotidiano. Procuraremos reflectir em conjunto sobre este assunto durante a nossa intervenção e sobretudo no dever de se sentar que se seguirá.

Deveríamos estar assustados com tudo isto? Estaremos em risco de pecar por presunção? Certamente que o nosso objectivo não é este. Muito simplesmente partimos da ideia de que a palavra profetizar na sua raiz significa “pré-anunciar” e que o profeta não é um homem capaz de ler o futuro, nem um magico, um guru ou um adivinho. Ele é antes de tudo aquele que é capaz de ler no presente e na realidade que o rodeia os sinais do futuro, e nós somos todos chamados a este compromisso de várias maneiras, como esforço de reflexão, de comparação, e de aprofundamento das coisas.

Do ponto de vista bíblico, o profeta é aquele que é capaz de provocar, no sentido literal da palavra (pré-vocare), isto é, ele chama o futuro para que se possa realizar no presente. Ele é aquele que colhe as sementes do futuro ainda escondidas sob os gestos, as palavras, as acções de uma multidão de Homens, que, febrilmente e muitas vezes confusamente, se movem sob a terra e procuram vir à luz do dia e germinar no presente.

Eles não são mais do que estas sementes já presentes na nossa história e em nós, na nossa história pessoal e conjugal: com efeito, as sementes do futuro são o fruto da memória do

passado que vem criar e produzir coisas novas. O passado, como o futuro, é com efeito uma dimensão do presente, mas muito frequentemente nós vivemos esquecendo isso, não fazendo memória do passado e não actuando com vista ao futuro.

O profeta é aquele que fala “em nome de”, ele é aquele que empresta a sua voz a um Outro, um Outro que está na origem da sua palavra, um Outro que é o Deus que vive na história através dele. O profeta é um homem que não está contente de viver o presente segundo os critérios da evidência e do confirmado, do “já tudo dado” e do “já tudo dito”, da vida e da história já escrita; é um homem que procura a novidade, ou melhor ainda, que procura o que pode tornar cada coisa nova em cada tempo.

O profeta é aquele que vai contra toda a forma de injustiça que tira a dignidade ao homem e contra toda a forma de poder que oprime o homem, contra todo o domínio e todo o modelo que cristaliza o homem e o sufoca, contra toda a forma de cultura que procura impor-se sem oferecer uma ocasião de crescimento, contra toda a fé que exija obediência sem pedir amor e liberdade de escolha.

Certamente, ninguém entre nós se sente profeta, mas talvez que cada um de nós, como um profeta bíblico e sobretudo como um pobre em si mesmo de certezas, de convicções, de regras e de normas se quer fazer rico de Deus em nome de quem ele fala.

Hoje, como ontem, todos somos chamados a olhar os outros para além deles mesmos para descobrirmos no horizonte o Deus que vem. Todos somos chamados, no Espírito, a ser profetas.

*“Depois disso eu espalharei o meu Espírito sobre toda a carne. Os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão”* São as palavras de Joel no Antigo Testamento (Joel 3,1) e são as palavras que Pedro retoma no Acto dos Apóstolos (Ac 2,17); um anúncio que atravessa o Antigo e o Novo Testamento e que chega até nós ainda hoje com a mesma força e a mesma clareza: nós seremos profetas se formos capazes de falar com a voz do Espírito.

O mundo de hoje, talvez de uma maneira inconsciente, tem uma grande sede de espírito: certamente o drama presente na história, a perdição dos povos, as angustias de cada um, os sofrimentos de outros, tudo isso é um grito à presença de um Espírito capaz de dar vida, capaz de preencher o vazio que parece estender-se como uma mancha de óleo sobre as ruínas dos muros das ideologias de morte, entre as ausências de esperança e de projectos das novas gerações, entre os silêncios que substituíram os diálogos entre as pessoas, entre as famílias, entre os povos, entre as instituições, entre as igrejas.

*“Sociedade dos Papelinhos”*, é como se define a realidade em que vivemos, não como uma metáfora de uma feliz e alegre festa, mas sobretudo como uma imagem de muitos fragmentos indistintos e loucos que esvoaçam, se perdem no ar e caem por terra, não encontrando maneira de se unirem uns aos outros.

Paradoxalmente, contudo, é o vazio pelo qual nos sentimos rodeados que faz despertar de novo em cada homem, crente ou não, o apelo para qualquer coisa que dê sentido à nossa vida, que dê significado aos actos quotidianos, que dê valor ao nosso pensamento e à nossa escolha. E talvez aos homens de fé, a nós se tivermos fé, seja dado o privilégio de poder identificar, escutar e anunciar este *“Espírito do Senhor enche o universo e, ele que tudo abrange, tem conhecimento de tudo”* (Sab 1, 7), porque a fé pode verdadeiramente transformar-se num instrumento de leitura dos sinais dos tempos.

O Espírito do Senhor que **enche** o universo: um verbo no presente porque “*sem o Espírito, Deus está longínquo, Cristo fica no passado, o Evangelho é letra morta, a Igreja uma mera organização, a autoridade uma dominação, a missão uma propaganda, o culto uma evocação e o agir cristão uma moral de escravos. Mas com Ele o cosmos eleva-se e geme no sofrimento do Reino, o Cristo ressuscitado está presente, o Evangelho é o poder da vida, a Igreja significa comunicação trinitária, a autoridade é serviço libertador, a missão é Pentecostes, a liturgia é memorial e antecipação, o agir humano é divinizado.*”

O Espírito do Senhor que **abraça** cada coisa: um verbo que exprime todo o acolhimento paternal e maternal de Deus, que anula cada distinção, que se alegra com a diversidade da criação, que derruba cada muro para respirar o ar da vida para lá do horizonte. Que contraste com o nosso pensamento mesquinho que faz distinções sobre cada coisa, sobre o meu e o teu, sobre o bom e o mau, sobre o correcto e o errado, sobre o estar dentro ou fora. Que contraste com os nossos medos de encarar as coisas diferentes que nos aparecem, receosos do risco de possível incómodo do nosso sossego pessoal e egoísta. Que contraste com a nossa atitude de erguer muros de defesa, barreiras de protecção, e incapacidade de respirar o ar da vida para lá de cada horizonte.

O espírito do senhor que **conhece** cada voz: um verbo que manifesta o desejo e a vontade de Deus de se fazer Escuta e Palavra entre as vozes, com as vozes através das vozes dos homens. O “grito” da criação é escutado por Deus, os nossos gritos são escutados por Deus, mas ao mesmo tempo é também um grito de Deus por tudo o que ofende a mesma criação. É talvez o grito abafado pelo nevoeiro que escurece os céus; talvez seja o grito queixoso pela vociferação desordenada das palavras inúteis e do clamor ensurdecido pelo qual somos rodeados; talvez seja um grito amordaçado pela multidão de maus mestres que nós escutamos, pela multidão de falsas necessidades das quais dependemos, mas o Espírito exige, como que uma escuta profunda da humanidade e um compromisso para com a humanidade porque as *primícias do Espírito* de que nos fala S. Paulo (Rom 8, 23) não constituem para nós crentes uma razão de fuga ou isolamento, mas uma consciente responsabilidade de resposta e solidariedade.

O nosso tempo precisa de profetas, de homens capazes de olhar o futuro com um olhar sereno para compreender por intuição e para acolher o futuro que avança, o que não é ainda mas é já presente, o Deus eterno que se faz história de hoje. Não é por acaso que a acção do Espírito na Bíblia tem uma dimensão muitas vezes conjugada no futuro: “*Dentro de vós porei o meu espírito e farei com que sigais as minhas leis e que obedçais e pratiqueis os meus mandamentos*” (Ez. 36,27); “*Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria até aos confins da terra*” (Ac 1,8).

Não é certo que seja porque o espírito pertence a uma dimensão que não consegue fazer-se realidade, mas antes porque os homens do Espírito são aqueles que estão sempre adiantados, que olham para o futuro, que estão já projectados no futuro vivendo no concreto do presente: quando dizemos Espírito, com efeito dizemos tudo o que de Deus nós ainda não previmos, acolhemos, agimos. E seguramente aquilo que ainda não conhecemos de Deus, o não dito, o não realizado, o não vivido, é muito, muito mais do que o que já foi dito, foi realizado, foi vivido...

Parar significa ter a presunção de que já temos um grande conhecimento de Deus. Não procurar o que há de novo à nossa volta significa pensar que já descobrimos todas as maravilhas de Deus. Não dar espaços sempre novos para a nossa busca de fé e de vida

significa pensar que a acção de Deus sobre o homem terminou connosco... É esta fé que testemunhamos? As sementes que nós devemos ainda fazer germinar, os frutos que devemos colher, as espigas que ainda devemos fazer alourar são seguramente ainda muito numerosas. O Espírito não tem rosto, mas possui muitos rostos. Atanásio de Alexandria escreve que *Deus se fez carne para que o homem se fizesse portador do Espírito*. Compreendemos então por intuição que a ausência dum rosto, de uma imagem, de uma definição a atribuir ao Espírito é uma necessidade que nos permite compreender que o Reino do Espírito Santo é o Reino dos rostos humanos e que o Espírito se reflecte em cada rosto que passa ao nosso lado e em cada rosto que não voltaremos a encontrar. Mais uma vez nos encontramos em face da encarnação querida por Deus para se tornar mais próximo de nós para se fazer um Deus próximo, para se oferecer como Deus-homem. “*o Espírito não é o aspecto genérico de Deus impreciso neutro, sem rosto quase um Deus de ninguém, por ser um Deus de todos...Não, ele é o Deus escondido em cada rosto e a alma de todas as línguas*”.

A todos nós, comprometidos com o Movimento, e de uma maneira ainda mais específica comprometidos no serviço de Conselheiro Espiritual, de Responsável de Região e de Supra Região, incumbe a tarefa de procurar, de se por em marcha e de encontrar as leis, as regras, os compromissos, que permitam ao Espírito passar e se fazer presente entre os homens.

O Espírito é vento, o Espírito é fogo. São as esplêndidas metáforas da liberdade e do amor do Espírito!

O vento, tu podes senti-lo...ele toca-te, acaricia-te, roça-te, bate-te e abana-te mas tu não lhe podes pegar, fechar, ou prender... dentro de ti mesmo. Se o vento é fechado e aprisionado já não é vento. “*Subitamente ressoou vindo do céu um som comparável ao de forte rajada de vento impetuosos que encheu toda a casa onde se encontravam*” (Ac 2,2). O Espírito é vento que chega vigoroso e nos enche e talvez nos encontre assustados, cansados ou incapazes de nos aperceber que o Senhor nos está a chamar...

O vento do Espírito é liberdade e liberdade é linguagem que todos compreendem...

O fogo é o sinal e a metamorfose do amor, um fogo terrestre que arde, consome, destrói...o fogo de Deus é chama que arde para a eternidade, receber o Espírito significa ser tocado pelo fogo do amor de Deus: o amor é uma linguagem que todos compreendem!

Deixar falar a linguagem do Espírito no nosso serviço, deixar falar a língua do Espírito através da Carta, significa que vento e fogo, liberdade e amor, guiam a nossa procura.

“*O Espírito do Senhor enche o universo e Ele, que tudo abrange, tem conhecimento de tudo*” (Sab 1,7)

Que este colégio nos ajude verdadeiramente a tornarmo-nos casais e sacerdotes ao serviço do Espírito no movimento das Equipas De Nossa Senhora